

ABORDAGEM CONSTRUCIONISTA NA GRAMATICALIZAÇÃO: PERSPECTIVAS E CONTRIBUIÇÕES

Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda¹
Nathália Félix de Oliveira²

1. Considerações iniciais

Neste trabalho, discutiremos fundamentalmente algumas das implicações de se adotar uma perspectiva construcionista na gramaticalização. Com o intuito de contribuir para uma conceituação mais refinada e precisa de construção no âmbito da gramaticalização e de definir as principais perspectivas e contribuições dessa abordagem, este trabalho visa a responder, principalmente, às seguintes questões: i) como as novas construções emergem?; ii) qual é o estatuto da reanálise³ e da analogia na abordagem construcionista da gramaticalização?; iii) de que maneira a frequência *type* e *token* está relacionada à emergência de novos padrões construcionais?; iv) em que medida se pode pensar no estabelecimento de redes construcionais?.

A abordagem construcionista na gramaticalização – ou gramaticalização de construções, nos termos de Traugott (2003, 2008a, 2008b, 2009) e Noël (2007), entre outros – tem se expandido consideravelmente, nos últimos anos, como uma tendência dos estudos funcionalistas. A partir das considerações de Goldberg (1995, 2006), Croft (2001) e Croft e Cruise (2004), pautadas na Gramática das Construções⁴, assume-se que as construções são as unidades básicas da língua. Em trabalhos bastante recentes, Traugott (2011c) e Traugott e Trousdale (2013) buscam um refinamento dos pressupostos da abordagem construcionista da

¹ Universidade Federal de Juiz de Fora. Departamento de Letras Estrangeiras Modernas. Programa de Pós-graduação em Linguística. Juiz de Fora/MG. patricia.cunha@ufjf.edu.br

² Universidade Federal de Juiz de Fora. Doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Linguística. Juiz de Fora/MG. nathfelixletras@gmail.com

³ Em trabalho recente, Traugott (2011c) opta pela terminologia neo-análise em vez de reanálise, uma vez que, segundo a autora, o que está em voga é uma análise distinta ou nova, que necessariamente não diz respeito a uma reinterpretação a partir de um sentido padrão ou pré-estabelecido. Embora consideremos a pertinência do que afirma Traugott (2011c), neste trabalho, manteremos o emprego do termo reanálise, o qual é mais recorrente na literatura sobre gramaticalização.

⁴ A Gramática das Construções emergiu, no final da década de 1980, em Berkeley, tendo como grande prerrogativa desconstruir a clássica noção da composicionalidade do significado (SALOMÃO, 2002).

gramaticalização e propõem ainda uma diferenciação entre o que seriam mudanças construcionais e, em sentido mais estrito, o processo intitulado de construcionalização⁵.

Embora a abordagem construcionista da gramaticalização seja bastante recente (TRAUGOTT, 2003, 2008a, 2008b, 2009, 2010a, 2011c; NÖEL, 2007; BYBEE, 2010, 2011; FISCHER, 2011; GISBORNE & PATTEN, 2011; TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013), o termo construção já se encontra presente, por exemplo, nos trabalhos de Lehmann (1995 [1982], 1992), Bybee, Perkins e Pagliuca (1994) e Hopper e Traugott (2003 [1993]). O estudo de Lehmann (1995 [1982]) propõe que a gramaticalização envolve um conjunto de processos semânticos, sintáticos e fonológicos que interagem na gramaticalização de morfemas e de construções inteiras. Posteriormente, o autor ainda assume que a gramaticalização de um elemento envolve toda a construção formada pelas relações sintagmáticas que esse elemento estabelece (LEHMANN, 1992). Por sua vez, Hopper e Traugott (2008 [1993]) e Bybee, Perkins e Pagliuca (1994) também observam a noção de integridade presente nas expressões gramaticalizadas e frisam que cabe à gramaticalização estudar as construções que passariam a atuar em certos contextos, a fim de desempenhar funções gramaticais. Estes últimos, por exemplo, partem do princípio de que a fonte do sentido gramatical é a construção inteira, e não as suas partes composicionais.

Entretanto, a formalização da abordagem construcionista da gramaticalização – como mencionado anteriormente – advém das contribuições da Gramática das Construções (GOLDBERG, 1995, 2006; CROFT, 2001; CROFT & CRUISE, 2004), que assume, de forma bastante clara, que as construções, que são as unidades básicas da língua, instanciam-se a partir do pareamento entre forma e sentido. E, nessa perspectiva, encontra-se presente o princípio da fraca composicionalidade, que estabelece que a construção inteira – e não apenas o significado lexical de um item – é precursora do sentido gramatical.

Nesse contexto, uma questão que se torna crucial – e que precede qualquer outra quando se considera a abordagem construcionista da gramaticalização – é, portanto, a definição do estatuto da construção. Pautando-se em Goldberg (2006), Traugott (2011c) reafirma que a construção envolveria desde um afixo até uma cláusula complexa.

⁵ Vale ressaltar que Traugott (2011c) e Traugott e Trousdale (2013) consideram a diferença entre o que constitui uma mudança construcional e o que pode ser considerado uma evidência de construcionalização. Segundo Traugott (2011c), a mudança construcional afetaria apenas os subcomponentes da construção, os quais, como destaca Croft (2001), seriam de natureza fonológica, morfológica, sintática, semântica, pragmática e discursiva. Já a construcionalização – a qual não deve ser interpretada como processo de mudança, mas sim como resultado da própria mudança – teria seu desenvolvimento a partir de uma série de construções que se estabelecem a partir do par forma-sentido. A construcionalização seria acompanhada, como propõem Traugott (2011c) e Traugott e Trousdale (2013), por mudanças no grau de esquematicidade, produtividade e composicionalidade.

No que se refere à mudança, Traugott (2009, p. 91) defende que a gramaticalização de construções seria compreendida como “a mudança pela qual, em certos contextos linguísticos, os interlocutores usam (partes de) uma construção com uma função gramatical ou designam uma nova função para uma construção já existente”. Nesse sentido, a autora ainda sinaliza que a abordagem da gramaticalização de construções pode trazer, principalmente, as seguintes contribuições (TRAUGOTT, 2009, p. 99): a) alinhamento entre padrões de uso e padrões gramaticais via significado → forma; b) incorporação das micro-construções em uma rede, o que levaria a pensar em redes construcionais estabelecidas a partir de processos de gramaticalização integrados e interligados; e c) mudança entendida como um processo dinâmico, uma vez que a emergência de novos padrões construcionais se dá através do tempo e dos falantes, ou seja, o uso reiterado de padrões construcionais levaria à sua gramaticalização. A seguir, trataremos pontualmente dessas três grandes contribuições da abordagem da gramaticalização de construções e buscaremos, paralelamente, responder às questões apresentadas no início desta seção.

2. Contribuições da abordagem construcionista da gramaticalização

No âmbito da Gramática das Construções, Croft (2001) destaca que as construções apresentam propriedades que as identificam. Nesse sentido, é válido ressaltar que o sistema linguístico, dentro dessa perspectiva, é organizado como um estruturado inventário de unidades simbólicas e complexas, o qual compõe o conhecimento do falante sobre a língua. Esse inventário seria representado por uma rede taxonômica de construções, de modo que cada construção constituiria um nó separado da rede. Esta, por sua vez, seria organizada hierarquicamente, ou seja, algumas construções poderiam ser consideradas mais básicas ou mais gerais que outras, e as construções basilares herdariam os atributos das construções de nível superior, podendo ultrapassá-los.

Logo, no que concerne, especificamente, à mudança linguística, temos que, quando uma construção se gramaticaliza, ela se submete a processos de fixação semântica de padrões regulares, de modo que seja pensada cada vez mais esquematicamente (GISBORNE & PATTEN, 2011). Diante do fato de as construções se organizarem em redes taxonômicas – como destacado acima –, as novas construções emergem a partir da instância frequente de um

determinado esquema⁶ construcional existente e, posteriormente, se expandem seguindo uma direção própria (CROFT & CRUSE, 2004). Dessa forma, a mudança pode ocorrer a partir do momento em que falante e ouvinte, indutivamente, generalizam as instâncias para formar esquemas representativos do sistema linguístico.

A gramaticalização, assim concebida, passa a envolver processos de uso da língua pelos quais ocorrem mudanças sistemáticas tanto na morfossintaxe quanto no significado (TRAUGOTT, 2008a), considerando um esquema construcional pré-existente. Nesse sentido, o trabalho com padrões construcionais vem a auxiliar a gramaticalização no que se refere ao alinhamento entre padrões de uso e padrões gramaticais. Assim, a gramaticalização, além de envolver um processo mais abstrato e esquemático, também envolveria um processo mais local que diz respeito à reinterpretação realizada pelos participantes na construção do novo sentido durante a interação. Nesse contexto, se tornam fundamentais os mecanismos da analogia e da reanálise.

Ainda no que tange à incorporação de novos usos à gramática da língua, é fundamental destacar também a relevância do mecanismo da frequência/repetição. Recentemente, a frequência de uso vem sendo considerada mais do que um simples recurso metodológico para que se ateste a gramaticalização ou a sua causa (BYBEE, 2011; TRAUGOTT, 2011a), uma vez que a mudança seria implementada a partir da repetição.

Considerando a relevância dessas questões, discutiremos pontualmente, a seguir, em que medida elas estariam presentes quando se assume que a gramaticalização de construções individuais parte de esquemas genéricos e abstratos, podendo levar à instituição de extensas redes construcionais na língua. Em um primeiro momento, trataremos do papel da reanálise e da analogia na instanciação de redes construcionais. E, em segundo momento, discutiremos o papel da frequência *type* e *token* no processo de gramaticalização de construções.

2.1. O papel da analogia e da reanálise na instanciação de redes construcionais

Em geral, os estudos em gramaticalização vêm atribuindo um papel de maior destaque à reanálise em relação à analogia. Tendo como base os postulados de Meillet (1912), a gramaticalização passou a ser entendida como um processo de reanálise, visto que introduziria

⁶ O termo esquema tem sido utilizado para designar objetos distintos na literatura. Sincronicamente, o esquema é considerado como uma abstratização compatível com seus membros; uma imagem conceptual (LANGACKER, 1987). Já no campo da diacronia (e, sob esta perspectiva, estamos lidando com mudança linguística), o termo refere-se ao caminho/percurso da mudança, ou seja, ao *cline* (TRAUGOTT, 2008b, 2009).

novas categorias e transformaria o sistema em sua totalidade, dando origem a novas formas gramaticais. Por sua vez, a analogia foi considerada um processo distinto, uma vez que trataria do surgimento de novas formas por meio de mudanças superficiais nas formas que lhes deram origem. Posteriormente, a partir do trabalho de Hopper e Traugott (2003 [1993]), tanto a analogia quanto a reanálise, passaram a ser concebidas como fundamentais na gramaticalização, cabendo, no entanto, a esta uma função dominante dentro do processo de mudança linguística. Para os autores, a reanálise seria o mecanismo mais importante da gramaticalização, assim como de qualquer mudança, porque é um pré-requisito para a implementação da mudança via analogia (HOPPER & TRAUGOTT, 2003 [1993]). Ainda de acordo com eles, a analogia, estritamente falando, seria responsável por modificar manifestações superficiais e, por si só, não afetaria a mudança da regra – embora afete a propagação da regra dentro do próprio sistema linguístico ou dentro da comunidade.

Contudo, recentemente, Noël (2007), Gisborne e Patten (2011), Fischer (2011) e Traugott (2011a, 2011c) – adotando a perspectiva construcionista da gramaticalização – têm dado um maior destaque para a analogia, compreendendo-a, assim como a reanálise, como um mecanismo de mudança linguística⁷. Enquanto a última seria responsável pela (re)interpretação de novas construções dentro de um determinado contexto de uso, a primeira, segundo Fischer (2011) constituiria a força primária para a gramaticalização, o que permitiria o aprendizado através de situações concretas, baseadas na experiência linguística e situacional. A esse respeito, a autora chega a afirmar, inclusive, que a gramaticalização seria uma mudança analogicamente dirigida. Nesse sentido, a analogia envolveria, de forma clara e inequívoca, um processamento cognitivo, que, como Fischer (2011) destaca, estaria presente em toda a evolução humana, podendo ser encontrado, como apontam estudos recentes, até mesmo, em outros mamíferos.

Já o mecanismo da reanálise seria decorrente da negociação de sentido entre os participantes de uma interação e se realizaria a partir de implicaturas conversacionais e inferências sugeridas⁸. Os participantes da interação, com a intenção de se comunicarem da melhor maneira possível, estabeleceriam mudanças na língua, as quais se tornariam mais vantajosas para a comunicação e poderiam não corresponder, inteiramente, aos seus

⁷ Segundo Bybee (2011), mecanismos de mudança são processos que ocorrem durante o uso da língua e que são responsáveis pela sua (re)criação.

⁸ Traugott (2010b, p.2) salienta que a inferência sugerida assume que os falantes, ao realizarem atos enunciativos, exploram as implicaturas internas da língua, convidando seus interlocutores a interpretar a nova construção. A partir do momento em que o novo uso se torna saliente na comunidade, as implicaturas então realizadas podem se tornar convencionalizadas através da reanálise semântica. Dessa forma, se tornam codificadas ou semanticizadas.

significados originais (WALTEREIT, 2011). Sob essa perspectiva, as mudanças se apresentariam como resultado de reformulações sintático-semânticas, ou seja, reanálises.

Nesse sentido, a (inter)subjativização aparece diretamente relacionada a tal mecanismo, envolvendo uma reanálise dos significados pragmáticos que surgem no contexto de negociação de sentido entre falante e interlocutor. Dessa forma, a (inter)subjativização caracteriza-se como um processo de semanticização que exige que os novos significados (inter)subjativos – ou seja, os significados pautados nas crenças e atitudes do falante acerca da proposição (subjativos) ou que expressem a preocupação do falante com o endereçado (intersubjativos) – sejam convencionalmente codificados, resultando em um novo par forma-sentido (DAVIDSE, VANDELANOTTE & CUYCKENS, 2010). Sob essa perspectiva, a (inter)subjativização possibilita a codificação linguística daquilo que emergiu na interação – tendo em vista a necessidade comunicativa que tem o falante de se posicionar acerca do que diz e em relação ao seu interlocutor –, de modo que a construção gramaticalizada passe a expressar o seu ponto de vista. Esse processamento é regulado primordialmente pela pragmática, uma vez que a dependência contextual de um significado abstrato permite que os falantes organizem usos dinâmicos de forma que ocorra mudança nas situações de uso. Para tanto, o processamento em questão se realiza por meio de mecanismos conceptuais, a saber: a metaforização e a metonimização.

Apesar da diferença existente entre a metaforização e a metonimização, Traugott e Dasher (2005) chamam atenção para o fato de esses mecanismos não serem excludentes, ou seja, o fato de ocorrer o segundo não exclui a ocorrência do primeiro; pelo contrário, ambos estariam presentes na mudança. No entanto, os autores frisam que a metonimização sempre ocorreria – estando na base da mudança semântica – e, nesse sentido, propõem o que chamam de Teoria da Inferência Sugerida, a fim de melhor tratar dessa questão.

Segundo Sweetser (1990), durante a maior parte do século XX, a metaforização foi considerada o principal mecanismo de mudança semântica. Ela consiste em um princípio analógico que envolve a conceptualização de um elemento de uma determinada estrutura em termos de um elemento de uma outra estrutura, sendo compreendida, portanto, como um mecanismo que opera entre domínios conceptuais distintos. Nesse sentido, também caminham Gonçalves *et al.* (2007, p. 43), quando pontuam que a abstratização por metáforas se dá de modo que algo que é tido como concreto servirá de conceito-fonte para um outro conceito mais abstrato.

A metonimização, por sua vez, corresponde a um princípio de reanálise no qual um determinado elemento é conceptualizado em termos de outro elemento que pertence à mesma

estrutura que o primeiro (SWEETSER, 1990). Assim, temos que a metonimização opera no mesmo domínio conceptual e está, por sua vez, baseada em processos de inferênciação.

Embora tenha ganhado mais evidência em estudos recentes, a abstratização por metonímias já pode ser vista em Stern (1968, [1931], p. 350). O autor observa que os processos metonímicos dizem respeito à “apreensão subjetiva do referente”, sendo, portanto, uma associação conceptual. Por sua vez, Anttila (1989 [1972], p. 88) sugere que a “metonímia é uma transferência semântica através da contiguidade e da indexicalidade”. Para Barcelona (2000), a metonimização tem se revelado um mecanismo de reanálise semântica mais basilar, em se tratando de linguagem e cognição, do que a metáfora. De acordo com Traugott e Dasher (2005), a metonimização é um mecanismo conceptual pelo qual as inferências sugeridas por associação, no fluxo do *continuum* da fala e da escrita, passam a ser semanticizadas ao longo do tempo.

Embora – como mencionado acima – a reanálise metonímica esteja na base da mudança, Traugott (2011b) pontua que as metáforas pré-existentes na língua podem habilitar a mudança e servir como *frames*⁹ para ela. Esse fato poderia, inclusive, indicar o motivo de se ter dado tanta atenção à metaforização nos estudos sobre mudança linguística: o resultado, na sincronia, aparenta ser somente a ocorrência de metáforas. Nesse sentido, o estudo diacrônico, defendido por Traugott em seus trabalhos, faz-se necessário para a própria identificação do processo de gramaticalização.

Ainda no que se refere à proposta da inferência sugerida, destacamos que esta considera os significados pragmáticos convencionalizados e sua reanálise como significado semântico. Assim sendo, o significado de um lexema que está inicialmente ligado a uma determinada estrutura conceptual é inovado, por um falante, para um novo uso. Esse novo uso é desenvolvido instantaneamente pelo falante e interpretado pelo interlocutor. Somente através de sua difusão e utilização por outros falantes é que esse novo uso se estabiliza na língua. Porém, esse processo ocorre de maneira gradual dentro da comunidade linguística, o que nos permite afirmar que a gramaticalização se dá de maneira discreta, mas para cada indivíduo a mudança é instantânea (TRAUGOTT & DASHER, 2005).

Nesse sentido, Traugott (2010b, p.2) salienta que a inferência sugerida assume que os falantes, ao realizarem atos enunciativos, exploram as implicaturas internas da língua,

⁹ De acordo com Ferreira (2010), o *frame* funciona como uma esquematização da experiência, ou seja, um conhecimento estruturado representado em um nível conceitual, que se encontra sustentado por meio da memória de longo prazo. Ainda segundo a autora, ele relaciona entidades e elementos, os quais se encontram associados a uma determinada cena culturalmente estabelecida.

convidando seus interlocutores a interpretar a nova construção. A partir do momento em que o novo uso se torna saliente na comunidade, as implicaturas então realizadas podem se tornar convencionalizadas através da reanálise semântica. Dessa forma, se tornam codificadas ou semanticizadas.

Considerando, dessa forma, que a mudança linguística emerge do uso, Traugott (2008b) defende que tal mudança se processaria, em muitos casos, em contextos dialógicos. Isso porque, no decorrer da interação linguística, os participantes negociariam suas perspectivas, as quais não se encontram alinhadas, ou seja, apresentam-se em contextos contraditórios. Para a autora, a base para a interpretação dos usos emergentes estaria na negociação realizada pelo falante e nas diferentes perspectivas que ele evoca. Esse fato acarreta o que Traugott (2011b, p.6) denomina de *mismatch*, que se refere ao fato de a intenção do falante e a interpretação do interlocutor não estarem sempre alinhadas, em decorrência de falante e interlocutor não serem imagens refletidas um do outro, possuindo diferentes *status* cognitivos.

Essa compreensão de que a linguagem seria uma ação partilhada encontraria suas bases, segundo Tomasello (1999), no fato de que o homem teria desenvolvido um tipo singular de cognição social e cultural, que teria sido definitiva na distinção entre a espécie humana e outros primatas. Articulando argumentos de filogênese, ontogênese e sociogênese, o autor destaca que os dois milhões de anos que separam os homens dos primatas não seriam suficientes para explicar a singularidade da espécie humana. Em verdade, a espécie humana teria, em um dado momento de sua evolução, desenvolvido uma forma especial de cognição social a partir do reconhecimento do outro como contraparte. Vemos, portanto, que o partilhamento em relação ao outro está na própria gênese da linguagem, o que viria a corroborar o quão importante é a consideração do jogo interacional quando tratamos dos fenômenos linguísticos e, mais especificamente, de mudança linguística.

É válido também ressaltar que a gramaticalização se processa gradualmente dentro da comunidade. No entanto, Traugott (2010a) aponta que, embora se admita o caráter discreto da mudança linguística, os estudos, em sua maioria, focam somente as categorias representadas nos *clines* de mudança. Essas categorias, para a autora, acabam negligenciando os estágios intermediários (ou *brinding contexts*) do processo. Logo, Traugott (2010a), assim como Brinton e Traugott (2005), defende que as pesquisas em gramaticalização devem capturar os pequenos passos locais (*small-steps*) que estão localizados entre as categorias propostas pelos *clines* de mudança, ou seja, aquilo que está entre A e B.

Já a analogia, enquanto mecanismo de mudança, corresponde ao que Traugott (2011a, 2011c) denomina de analogização (mudança analógica). Segundo a autora, esse conceito se diferencia do de pensamento analógico, uma vez que este diz respeito a todo processamento empreendido via analogia sem que haja uma inovação dentro da comunidade. Logo, a analogização corresponde ao modo pelo qual uma mudança é implementada.

Comungando com esse posicionamento encontra-se Noël (2007). Para o autor, é através da analogia que os usos se expandem pragmaticamente, a depender de condições propícias para que isso ocorra. Assim, a partir da generalização que realizam sobre um determinado contexto linguístico, o falante e o interlocutor conseguem instanciar uma nova construção naquele mesmo contexto. O autor, nesse sentido, emprega o termo “esquematização” para tratar do papel da analogia na gramaticalização. Para ele, a gramaticalização pressupõe esquematização, visto que a emergência de novas construções na língua teria como base – parcial ou totalmente – construções de natureza esquemática e abstrata.

No mesmo caminho, Gisborne e Patten (2011) afirmam que a esquematização seria fundamental para a gramaticalização, já que envolveria processos cognitivos gerais, como, por exemplo, a categorização. Desse modo, os falantes se baseariam em um processo de generalização para instituir esquemas que são representáveis, de modo efetivo, no sistema linguístico, a partir das construções individuais. E, nesse caso, os esquemas se tornariam cada vez mais abstratos a fim de abarcar, ao longo do tempo, um repertório maior de construções. A esse respeito, Trousdale (2008) chega, inclusive, a afirmar que, quanto mais abstrata é uma construção esquemática, maior sua produtividade.

Portanto, a analogia seria responsável pela abstratização realizada a partir de ocorrências concretas, de modo que, com o aumento da frequência de uso, tanto os padrões abstratos quanto os concretos se tornariam mais produtivos. Por outro lado, a reanálise operaria na (re)interpretação dos sentidos negociados na interação pelos participantes – a qual se dá em contextos dialógicos –, de modo a se processar gradualmente na comunidade linguística. Destacados esses dois mecanismos, é relevante observar uma outra contribuição da gramaticalização de construções: o possível estabelecimento de redes construcionais.

Como vimos, a gramaticalização de construções assume a premissa de que a mudança se processa na língua em uso, durante a enunciação (GISBORNE & PATTEN, 2011). As novas ocorrências (ou *tokens*) emergem de modo que o falante realize generalizações dessas inovações para criar um novo nível de abstratização. Logo, a gramaticalização passa a ser

concebida como um processo de esquematização pelo qual as construções se tornam cada vez mais abstratas.

Traugott (2008a, 2008b), baseando-se principalmente no modelo de Croft (2001), o qual se intitula Gramática da Construção Radical (*Radical Construction Grammar*), propõe que, para apreendermos as similaridades e as diferenças entre construções e, até mesmo, entender o processo de gramaticalização de cada construção individualmente, deve-se levar em consideração a existência de quatro níveis, estando o primeiro relacionado à frequência *token* e os demais à frequência *type*¹⁰. A proposta da autora, como veremos a seguir, vai ao encontro das noções de analogia/esquematicidade. Para Traugott (2008a, p. 236; 2008b, p. 6), o trabalho em gramaticalização, nesse sentido, deve identificar: (i) esquemas ou macro-estruturas; (ii) tipos de mudança generalizados; (iii) tipos de mudança específicos; e (iv) ocorrências empiricamente atestadas. Sob essa perspectiva, temos o seguinte:

- a. Macro-construções: envolvem a noção de esquema, compreendendo as construções mais genéricas da rede e abarcando as estruturas complexas com possibilidades diversas de preenchimento.
- b. Meso-construções: envolvem o conjunto de similaridades que é observável entre construções individuais diversas.
- c. Micro-construções: envolvem propriamente as construções individuais.
- d. Construtos: envolvem as ocorrências (*tokens*) das micro-construções que são empiricamente atestadas, sendo, portanto, o *locus* da inovação.

De acordo com a proposta acima, os construtos envolveriam, de fato, a reanálise de material linguístico que é decorrente da negociação de sentido entre os participantes de uma interação. E esse processo se daria a partir de inferências sugeridas e implicaturas conversacionais (TRAUGOTT E DASHER, 2005; TRAUGOTT, 2010a). Como discutiremos mais adiante, a frequência de uso exerceria um papel fundamental nesse contexto, visto que os construtos/as inovações, caso se tornem ritualizados/padronizados (BYBEE, 2003, 2010), envolvem o processo de gramaticalização, adquirindo o estatuto de micro-construções individuais da língua. Já os dois últimos níveis – as meso-construções e as macro-construções – estão diretamente relacionados ao mecanismo da analogia: enquanto no nível das meso-construções percebemos similaridades entre padrões construcionais distintos, no nível das

¹⁰ Segundo Bybee (2003), enquanto a frequência *type* se refere à frequência de um padrão particular, a frequência *token* compreende o número de ocorrências de uma unidade, geralmente uma palavra ou morfema.

macro-construções identificamos a existência de esquemas abstratos, que, como acreditamos, se estabelecem cognitivamente, permitindo a emergência de novos padrões construcionais que sigam seu esquema e sua regularidade. Portanto, o estabelecimento de redes construcionais, no âmbito da gramaticalização de construções, está diretamente relacionado à esquematização presente nas macro-construções.

2.2. O papel da frequência *type* e *token* no processo de gramaticalização de construções

Como acreditamos, o levantamento de frequência – tanto na sincronia como na diacronia – permite que sejam, de fato, mapeados os quatro níveis – construtos, micro-construções, meso-construções e macro-construções – que envolvem o processo de gramaticalização (TRAUGOT, 2008a, 2008b) e o estabelecimento de redes construcionais.

O levantamento de frequência, portanto, fornece evidências empíricas de que as inovações que emergem no fluxo da interação, de fato, estão se padronizando/regularizando na língua como construções formalmente identificáveis. E, nesse contexto, como também defendemos, a consideração de dados de natureza diacrônica pode contribuir substancialmente para a percepção de que estamos lidando com meso-construções e, em um nível mais abstrato e esquemático, com macro-construções.

Segundo Neves (1997), embasada em Burridge (1993), a pancronia corresponderia à perspectiva ideal, visto que possibilitaria o alinhamento entre o sistema linguístico e as questões discursivo-pragmáticas, o estudo da história para a compreensão da gramática sincrônica e enfatizaria o caráter interativo das forças inovativas e idiomatizantes. De acordo também com Furtado da Cunha, Oliveira e Votre (1999), há uma forte tendência em se consolidar a pancronia em estudos funcionalistas, principalmente em se tratando de gramaticalização. Assim, além de se investigarem as construções gramaticais enquanto um fenômeno discursivo-pragmático – observando os diferentes estágios linguísticos –, realiza-se um exame sobre a origem e a trajetória dessas construções – verificando a incorporação da mudança na gramática.

Ao tratar do papel da frequência na gramaticalização, Vitral (2006) defende que esse é um dos critérios para a identificação dos processos de gramaticalização, assim como os critérios sintáticos, morfofonéticos e semânticos¹¹. Para o autor, “a apreciação da frequência

¹¹ Acreditamos ainda serem importantes critérios de ordem pragmática e critérios discursivo-funcionais.

de ocorrência [...] e a comparação dos valores encontrados é, como veremos, o instrumento decisivo que nos permite afirmar estar em curso um processo de gramaticalização” (VITRAL, 2006, p. 155).

Já Bybee (2003) afirma que o aumento da frequência de uso é um traço definidor do processo de gramaticalização, remetendo também à padronização da nova construção que se instancia na língua. Assim sendo, ela defende a importância da repetição, já que, segundo a autora, quando as sequências de palavras e morfemas são frequentemente usados, eles automaticamente começam a ser interpretados como uma “unidade única de processamento” (ou seja, como uma construção), e não como partes isoladas que compõem um todo, o que é denominado por *princípio da fraca composicionalidade*. Para a autora, as estruturas da língua (ou melhor, as construções) surgem da repetição de aplicação de processos cognitivos de domínio geral (ou seja, processos comuns nas diferentes línguas). Nesse sentido, o uso repetitivo desses processos apresenta “um impacto na representação cognitiva da língua e, por conseguinte, na língua tal como é manifestada abertamente” (BYBEE, 2010, p. 1). Dessa forma, Bybee (2003, p. 603) propõe o seguinte:

Defenderei uma nova definição de gramaticalização, a qual reconhece o papel crucial da repetição na gramaticalização e a caracteriza como o processo pelo qual uma sequência de palavras ou morfemas frequentemente usada se torna autônoma como uma unidade única de processamento.

Além de o aumento da frequência de uso possibilitar a interpretação dos itens como unidades construcionais, ele também acarreta, de acordo com Bybee (2003), mudanças fonológicas de redução e fusão nas construções gramaticalizadas. Outra consequência da alta frequência, destacada pela autora, é a expansão funcional, ou seja, o desenvolvimento de novas associações pragmáticas da construção gramaticalizada.

Como destaca ainda a autora, o levantamento de frequência está em consonância com a abordagem construcionista da gramaticalização, visto que a repetição leva ao reconhecimento de que uma sequência de palavras ou morfemas que é usada de forma frequente se torna reconhecida como uma unidade única de processamento. Partindo das postulações de Haiman (1994) sobre ritualização, Bybee (2003, p.604) advoga que a repetição frequente desempenharia um papel crucial no processo de gramaticalização e conclui que: (a) a frequência de uso leva ao enfraquecimento da força semântica dos itens pela habituação; (b) as mudanças fonológicas de redução e fusão nas construções gramaticalizadas são condicionadas por sua alta frequência de uso; (c) o aumento da frequência leva à interpretação dos itens que coocorrem como uma unidade construcional, e não mais como itens isolados;

(d) a perda da transparência semântica faz com que a construção gramaticalizada apresente uma expansão funcional, ocorrendo em novos contextos a partir de novas associações pragmáticas, o que, para a autora, advém da autonomia de construções em gramaticalização e da opacidade crescente de estruturas internas.

Assim, no que concerne à mudança linguística, o aumento da frequência de uso, para Bybee (2003), é um traço definidor do processo de gramaticalização, o que também remete à padronização da nova construção que se instaura na língua. Uma vez que o processo ocorre por meio de pequenas mudanças (*small-steps*) – como já destacado –, as associações realizadas podem ser mais ou menos fortes a depender da frequência de uso, de modo que a estrutura constituinte mude gradualmente (BYBEE, 2011).

Também considerando o papel fundamental do levantamento da frequência de uso, Martelotta (2009), baseando-se em Bybee (2006), considera que altos graus de repetição seriam, portanto, a base para o desenvolvimento da gramática de uma língua.

Alinhando-nos com os autores, partimos do princípio de que o levantamento da frequência de uso contribui, de forma substancial, para atestar regularidades e fornecer evidências de que as inovações que emergem na interação se estabelecem, na língua, como construções individuais, as quais, por sua vez, se pautam em esquemas abstratos de natureza cognitiva.

Considerações finais

Neste trabalho, propusemos uma discussão acerca de questões que julgamos extremamente relevantes no âmbito da abordagem construcionista na gramaticalização (TRAUGOTT, 2003, 2008a, 2008b, 2009; NOËL, 2007; TRAUGOTT, 2011c; TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013). Nesse sentido, tratamos aqui, pontualmente, de conceitos e propostas bastante recentes no âmbito dos estudos funcionalistas sobre gramaticalização. Conforme discutimos, é fundamental o reconhecimento de que a gramaticalização de construções individuais parte de esquemas genéricos e abstratos, podendo levar à instituição de extensas redes construcionais.

Devido à importância da abordagem da gramaticalização de construções e do levantamento da frequência *type e token* como evidência empírica para processos de mudança, julgamos que é necessário, portanto, que estes dois temas figurem na agenda de trabalho de

todos aqueles que concebem a gramática da língua a partir de uma perspectiva emergentista e baseada no uso.

Referências bibliográficas

- ANTTILA, R. *Historical and comparative Linguistics*, 2 ed. Amsterdam: Benjamins, 1989 [1972].
- BARCELONA, A. *Metaphor and metonymy at the crossroads: a cognitive perspective*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2000.
- BRINTON, L. J.; TRAUGOTT E. C. *Lexicalization and language change*. Cambridge: Cambridge University Press. 2005.
- BURRIDGE, K. Approaches to grammaticalization. Review Article. *Journal of Linguistics*, v. 7, n. 1, 1993, p. 167-173.
- BYBEE, J. Mechanisms of change in grammaticization: the role of frequency. In: JOSEPH, B. D. & JANDA, J. (eds.) *The handbook of Historical Linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003.
- _____. *Frequency of Use and the Organization of Language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- _____. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- _____. Usage-based theory and grammaticalization In: NARROG, H.; HEINE, B. (eds.). *The Oxford handbook of grammaticalization*. New York: Oxford University Press, 2011.
- _____.; PERKINS, R. & PAGLIUCA, W. *The Evolution of grammar: tense, aspect and modality in the languages of the world*. Chicago: University of Chicago Press, 1994.
- CROFT, W. *Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. New York: Oxford University Press, 2001.
- _____. & CRUSE, A. D. *Cognitive Linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- DAVIDSE, K.; VANDELANOTTE, L.; CUYCKENS, H. Introduction. In:_____ (orgs.). *Subjectification, intersubjectification and grammaticalization*. Berlin/New York: De Gruyter Mouton, 2010.

- FERREIRA, R. G. *A hipótese de corporificação da língua: o caso de cabeça*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2010.
- FISCHER, O. Grammaticalization as analogically driven change? In: NARROG, H.; HEINE, B. (eds.). *The Oxford handbook of grammaticalization*. New York: Oxford University Press, 2011.
- FURTADO DA CUNHA, M. A.; OLIVEIRA, M. R. de; VOTRE, S. A interação sincronia/diacronia no estudo da sintaxe. *DELTA* [online]. vol.15, n.1, 1999.
Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501999000100004&lng=en&nrm=iso. Acesso em 21 de ago. de 2011.
- GISBORNE, N. & PATTEN, A. Construction grammar and grammaticalization. NARROG, H.; HEINE, B. (eds.). *The Oxford handbook of grammaticalization*. New York: Oxford University Press, 2011.
- GOLDBERG, A. E. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.
- _____. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- GONÇALVES, S. C. L. et al. (org.) *Introdução à gramaticalização*. São Paulo: Parábola, 2007.
- HAIMAN, J. Ritualization and the development of language. In: PAGLIUCA, W. (ed.) *Perspectives on Grammaticalization*. Amsterdam: Benjamins, 1994.
- HOPPER, P. & TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization*. 2. ed. rev. Cambridge: Cambridge University Press, 2003 [1993].
- LANGACKER, R. W. *Foundations of cognitive grammar: theoretical prerequisites*. Stanford: Stanford University Press, 1987.
- LEHMANN, C. *Thoughts on Grammaticalization*. Munich: Lincom Europa, 1995 [1982].
- _____. Das Sprachmuseum. *Linguistische Berichte*. 142, 1992. p. 477-494.
- MARTELOTTA, M. E. T. Funcionalismo e metodologia quantitativa. In: OLIVEIRA, M.; ROSÁRIO, I. (org). *Pesquisa em linguística funcional: convergências e divergências*. Rio de Janeiro: Léo Christiano Editorial, 2009.
- MEILLET, A. *Linguistique historique et linguistique générale*. Paris: Champion, 1948 [1912].
- NEVES, M. H. M. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- NOËL, D. Diachronic construction grammar and grammaticalization theory. In: *Functions of Language*. John Benjamins, 14:2, 2007. p. 177-202.

- STERN, G. *Meaning and change meaning*. Bloomington: Indiana University Press, 1968 [1931].
- SWEETSER, E. *From etymology to pragmatics: metaphorical and cultural aspects of semantic structure*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- TOMASELLO, M. *The cultural origins of human cognition*. Cambridge: Harvard University Press, 1999.
- TRAUGOTT, E. C. Constructions in grammaticalization. In: JOSEPH, B. D.; JANDA, R. D. (eds.). *The handbook of Historical Linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003.
- _____. Grammaticalization, constructions and the incremental development of language: suggestions from the development of degree modifiers in English. In: ECKARDT, R.; JÄGER, G.; VEENSTRA, T. V. (eds.). *Variation, selection, development: probing the evolutionary model of language change*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2008a.
- TRAUGOTT, Elizabeth C. All that he endeavoured to prove was...: on the emergence of grammatical constructions in dialogic contexts. In: COOPER, R. & KEMPSON, R. (eds.) *Language in flux: dialogue coordination, language variation, change and evolution*. London: Kings College Publications, 2008b.
- _____. Grammaticalization and Construction Grammar. In: CASTILHO, A. T. (org.). *História do Português Paulista*. vol. 1. Campinas: Unicamp/Publicações IEL, 2009.
- _____. Dialogic contexts as motivations for syntactic change. In: CLOUTIER, R. *et al.* (eds.) *Variation and change in English grammar and lexicon* Berlin: De Gruyter Mouton, 2010a.
- _____. (Inter)subjectivity and (inter)subjectification: a reassessment. In: DAVIDSE, K.; VANDELANOTTE, L.; CUYKENS, H. (org.). *Subjectification, intersubjectification and grammaticalization*. Berlin/New York: De Gruyter Mouton, 2010b.
- _____. Grammaticalization and mechanisms of change. In: NARROG, H.; HEINE, B. (eds.). *The Oxford handbook of grammaticalization*. New York: Oxford University Press, 2011a.
- _____. Pragmatics and language change. In: ALLAN, K.; JASZCZOLT, K. (eds.). *The Cambridge Handbook of Pragmatics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011b. p. 549-565.
- _____. Toward a coherent account of grammatical constructionalization, Slightly revised version of powerpoint presentation at Societas Linguistica Europea (SLE) 44, Spain, September 8th-11th, 2011c.
- _____. & DASHER, R. *Regularity in semantic change*. New York: Cambridge University Press, 2005.
- _____. & TROUSDALE, G. *Constructionalization and Constructional Changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013 (forthcoming).

TROUSDALE, G. A constructional approach to lexicalization processes in the history of English: evidence from possessive constructions. *Word Structure*, 2008. p. 156-177.

VITRAL, L. O papel da frequência na identificação de processos de gramaticalização. *Scripta*, vol. 9, n. 18. Belo Horizonte, 2006. p. 149-177.

WALTEREIT, R. Grammaticalization and discourse. In: NARROG, H.; HEINE, B. (eds.). *The Oxford handbook of grammaticalization*. New York: Oxford University Press, 2011.